

Maria Luísa Malato

Universidade do Porto - ILC

Cicero Cunha Bezerra (2021), *Clarice Lispector: Quando Deus Acontece*, Rio de Janeiro, Viaverita Editora.

Com Apresentação de Nãdia Batella Gotlib e

Prefácio de Maria Lúcia Dal Farra

Recensão

De vez em quando, na Literatura Comparada, emergem questões que colocam em causa as fronteiras da própria Literatura Comparada. Com a questionação das fronteiras não é só a sua definição que é questionada, mas sobretudo a sua finalidade: para que serve ela afinal? Com efeito a Literatura todos os dias varre da sua casa o pó que sobre ela se escreve e dos milhares de páginas que se publicam todos os anos sobre a receção de *Hamlet*, nenhuma substituiu ainda a vantagem maior de se ler o drama de Shakespeare... Mais abissal fica a questão quando se questiona através da Literatura Comparada o próprio objeto da Crítica Literária: o que pode definir a Literatura? E para que serve ela? Tais perguntas são tanto mais frequentes quanto mais nos afastamos do momento da criação (aquele em que o autor se expressou como Poeta, ou seja, um criador da Linguagem). A Linguagem, a sua criação e a sua interpretação está, com efeito, no cerne da própria existência do ser humano, o único animal que recria a Linguagem, mas não certamente o único que a interpreta. A Literatura não serve. E a Crítica serve-se. Ambas com muita vantagem para quem só usa coisas de utilidade restrita: “O meu mistério que é eu ser apenas um meio, e não um fim” (*Lispector apud Bezerra*: 162).

Cremos ser importante esta introdução no comentário a uma obra crítica como a de Cicero Cunha Bezerra (professor na Universidade Federal de Sergipe, doutorado pela Universidade de Salamanca e especialista em Filosofia Antiga e Medieval), sobre uma autora como Clarice Lispector (escritora de um quotidiano dito “menor”, porque sem eventos ou citações). O livro de Cicero Bezerra tem como subtítulo “Quando Deus acontece” e apresenta-nos uma situação comparatística pouco usual, entre a Literatura, a Filosofia e a Teologia. Ora esse cruzamento afirma-se como hermenêutica “espectral”, esforçando-se o crítico por ser fiel à transversalidade da escrita de Clarice Lispector, por sua vez nascida também de uma “preensão persecutória”, uma urgência ou pulsão da escrita que é por força transversa: “Eu escrevo porque preciso. Senão o que fazer de mim?” (*Lispector apud Bezerra*: 43).

Bezerra classifica tal tarefa de “peregrina” (29). Na língua portuguesa, um dos sentidos desta palavra é “inútil”, outro é “errante”. E “errante”, na maior parte das línguas latinas, tem a mesma raiz (lat. “errare”) para “divagar” entre os vários caminhos e “falhar” nos escolhidos. Também a escrita de Clarice Lispector ignora a finalidade da Literatura, não ignorando a Literatura que perdura na sua escrita: “Cada livro é sangue, é pus, é excremento, é coração retalhado, é nervos fragmentados, é choque elétrico, é sangue coalhado escorrendo como lava fervendo pela montanha abaixo”, avisa-se logo na epígrafe (5). E a crítica de Cicero Bezerra não ignora a bibliografia literária clariciana, mas acrescenta-lhe outra, a da Filosofia, no seu sentido mais lato, uma disciplina do pensamento que compara todas as coisas, ignorando por norma a ficção literária. O livro reúne vários artigos de Cicero Bezerra sobre Clarice Lispector, mas também reflexões inéditas, que vão (pelas datas de publicação) de 2011 em diante, quase todos os anos, numa quase obsessão. A expressão “preensão persecutória” que referimos é afinal de Maurice Blanchot, em *L’Espace Littéraire* (1955: 15-6), mas Cicero Bezerra cita-a, logo na segunda página do livro (28), para justificar a razão por que lê Clarice Lispector e a razão por que Clarice escreve. E essa “mise en abyme” do desinteresse interessa-nos acima de tudo, talvez porque não seja interesseira ou talvez porque a linguagem tem fronteiras que nos parecem ultrapassáveis (umas, por vezes, talvez, mas outras nunca).

Blanchot, em *L’Espace Littéraire*, fala precisamente de uma solidão da obra de arte. Não a solidão do escritor (no momento da escrita) ou a do leitor (no momento da leitura). O que o fascina é a solidão da obra, apesar dos esforços do autor e do leitor: parece ter como lema *noli me tangere*, nada a atinge. E por isso a obra de arte, segundo Blanchot, se centra quase sempre nessa ausência, ou silêncio. Não em factos, mas em acontecimentos, pois a narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento – “os fatos me atrapalham. Por isso é que agora vou escrever sobre não fatos” (Lispector *apud* Bezerra: 50, cf. 31).

À Literatura Comparada interessam muito estas formas de ausência. Se um autor ou um leitor se fascina (ou nos fascina) não é porque seja capaz de ver ou porque se sente tocado por alguém ou alguma coisa, mas porque esse alguém ou alguma coisa revela uma proximidade imediata que o domina, mas sempre o afasta... Como se toda a comparação partisse de uma metáfora (e não o inverso, como fazemos para as explicar $X \approx Y \rightarrow XY$). Como se o mundo fosse primitivamente metáfora e a comparação fosse uma comparação abusiva.

No Prefácio, Maria Lúcia Dal Farra fala de um “mundo em suspeição”, em que “uma palavra é alçapão para outra”: as narrativas de Clarice Lispector mostrar-se-iam sempre ao leitor num estado ou “categoria de periclitância” (21). Na Apresentação, Nádia Gotlib salienta a amplitude do repertório conceptual de Cicero Bezerra, salientando a tutela de Derrida e a questão do “não saber” – que não se deve confundir com “ignorância”, mas quando muito, se quisermos manter a ambiguidade, com a “douta ignorância” propalada por Nicolau de Cusa – e que é, afinal, desde logo na afirmação filosófica de Sócrates, “algo heterogêneo ao saber” (18). Por seu lado, no Prefácio, Maria Lúcia Dal Farra remete para Certeau quando este afirma que “a sabedoria é sempre o ‘não-isto’”, depois de ter dito, num breve parêntesis, que “(Deus é a sabedoria do neutro, segundo Chrétien)” (22). Efetivamente, Cicero Bezerra vai anotando o papel desse

lhano e do neutro em Clarice Lispector, citando com minúcia traços da sua poética na sua obra literária: “quanto menos estilo tiver, mais pura sai a palavra” (Lispector *apud* Bezerra: 49, máx. 82-3).

A este diálogo entre críticos juntaríamos nós ainda Blanchot, desde logo pela função fulcral desse Neutro, na origem do fascínio que nos provoca a obra de Clarice Lispector. Simultaneamente em nós e irreduzivelmente fora de nós. Para Blanchot, a fascinação encontra-se fundamentalmente ligada à presença do neutro, do impessoal, do ser indeterminado, o imenso Alguém sem figura (face?) – no original, “la fascination est fondamentalement liée à la présence neutre, impersonnelle, le On indéterminé, l’immense Quelqu’un sans figure”.¹ Ora é precisamente esse o desafio que Cicero Bezerra experimenta ao falar de Clarice Lispector: como levantar esse universo do fascínio, como o ler e mostrar?... No limite, e o salto torna-se subitamente curto, “como pensar literatura, Deus e acontecimento e Clarice Lispector?” (31).

Esta obra de Cicero Bezerra tenta resolver o labirinto em que sabe agora enredado de uma forma que é metodologicamente persuasiva: colocando a Literatura, Deus, o Acontecimento e Clarice Lispector sobre concêntricos círculos de indeterminação que vão da (in)definição de Acontecimento ao (in)conhecimento de Clarice Lispector, a Literatura e Deus. Nessa estratégia, a noção de Acontecimento torna-se fundamental, já que é ela que vai abarcar e (in)definir as restantes. E, com efeito, ela aparece logo no título (*Clarice Lispector: quando Deus acontece*) e no primeiro texto (“Em torno dos Acontecimentos”) para depois dominar a argumentação dos restantes capítulos. Vale a pena recordar a coerência do método, que coloca a definição do “Acontecimento” sob a autoridade de John David Caputo, defensor de uma “hermenêutica espectral” usada por Cicero Bezerra, quer em outros artigos (cf. Cicero, 2017), quer numa tese de Ricardo Oliveira sobre *A Peste*, de Albert Camus, orientada por Cicero Bezerra, em que muito pertinentemente se opõe o “acontecimento” não só ao facto, mas também ao “hábito”² (Cicero; Oliveira, 2020). No livro sobre Clarice Lispector, são sistematicamente aplicados 5 itens da definição de Acontecimento, segundo J. Caputo:

1. O acontecimento não é o que ocorre, mas algo dado no que ocorre;
2. O acontecimento não se deve confundir com a nomeação de um evento;
3. O acontecimento não é uma coisa, mas algo que atua em uma coisa;
4. Tudo no acontecimento pode ser objeto de desconstrução, excepto o próprio acontecimento;
5. O acontecimento interpela o indivíduo a um diálogo, “em que falar e calar são dois aspectos constitutivos de um ato de afecção corporal e anímico sob forma de escrita solitária” (30).

Teremos depois o Acontecimento em diálogo uma concepção semelhante de Literatura, que pode ser também “comparada à unidade que se faz múltipla, e a um múltiplo que se faz uno”. Com efeito, na obra de Clarice se visaria um processo de escrita em que os momentos desencadeiam experiências múltiplas, embora associadas a uma visão de unidade textual (30 e 32).

Por seu lado, a aplicação do conceito de “acontecimento” à Filosofia leva o autor à releitura da tradição filosófica greco-latina (Heráclito, Platão, Plotino) e da tradição filosófica judaico-

-cristã (Pseudo-Dionísio, o Areopagita, Mestre Eckhart e os Místicos medievais, em geral), sobretudo a do neoplatonismo que corre entre estas duas tradições, a que se juntam naturalmente as correntes filosóficas contemporâneas que se entrecruzaram com o pensamento de Heidegger (Deleuze, Derrida, mas também Zizek ou Agamben...). Fica amplamente explícita a sua simpatia por uma “retórica denegatória”, no sentido em que a define Michel de Certeau: a escrita, literária ou crítica, apresenta-se pré-ciente dos seus limites.

Deus, o último círculo da escrita, inscreve-se nessa mesma *debilidade*. Não que Deus seja “débil”, ou que nós o sejamos (voltamos ao parágrafo introdutório e à solidão da obra por Blanchot). Mas porque Deus, como a Literatura ou o Conhecimento (ou aquela a que chamamos Clarice Lispector), não parece servir para nos salvar como um deus *ex-machina*, que desce dos céus para fazer o caminho que deve ser feito por cada um de nós, solitariamente. Antes serve Ele para acompanhar aquilo de que formos capazes: “Tu, Deus, que eu amo como quem cai no nada” (Lispector *apud* Bezerra: 67). Como aquele Deus que Elie Wiesel encontrou prisioneiro como ele, num campo de concentração. Um dia, Wiesel foi obrigado a assistir ao enforcamento de uma criança. Diante de carrascos e prisioneiros, ela estrebuchou durante meia hora. Atrás de Wiesel alguém perguntou: - Onde está Deus agora? E Wiesel teria ouvido dentro de si uma súbita resposta: - Ali está Ele, pendurado no cadafalso.³ Esse seria afinal o Deus do Novo Testamento, O que lava os pés dos seus convidados, O que é açoitado pelos que quer salvar, O que morre na cruz. No limite, um Deus herético, também ele denegado:

É significativo que um filósofo como Spinoza apareça citado em *Perto do Coração Selvagem*. Se as fontes de Clarice são múltiplas e muitas vezes de difícil interpretação, a presença de Baruch no texto como fonte para uma discussão de caráter essencialmente filosófica [*sic*], como é o caso da extensão e modalidade de Deus, ajuda-nos a entender melhor a visão clariciana de mundo a partir da unidade transcendência-imanência que parece caracterizar a visão descrita, muitas vezes, como êxtase. (55)

O livro avança argumentativamente, até ao capítulo final, “Mística e Acontecimento”, como se a leitura de Clarice Lispector nos incitasse a um caminho iniciático, consequentemente solitário. Esta é uma das muitas razões para o ler por inteiro. Há outras. A paixão com que é escrito. A amplitude da Bibliografia Ativa, que abrange partes da obra de Clarice Lispector que muitas vezes não são lidas, como os contos ou as crónicas (cf. apresentação de Gotlib: 17). O mesmo se pode dizer da Bibliografia Passiva e Geral a que Cicero Cunha Bezerra faz alusão e utiliza, com muitas referências filosóficas que ampliam a leitura literária de índole comparatística. A recolhida no final do livro não lhes faz jus por estar muito incompleta. Ainda que por vezes essas referências estejam presentes nas notas de rodapé, há outras que faltam, como as que remetem, por exemplo, para as leituras de Alain Badiou, Slavoj Zizek (2017), Olga Borelli, Michel de Certeau 2015, Deleuze, *Mil Platôs*, ou John David Caputo (2010). O que acresce o desejo de uma segunda edição.

NOTAS

¹ Blanchot, Maurice (1955), *L'Espace Littéraire*, Paris, Gallimard, p. 24.

² Bezerra, Cicero Cunha (2017), *Clarice Lispector: acontecimento, Deus e literatura*, HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Dez. 2017 15(48):1504; BEZERRA, Cicero Cunha; OLIVEIRA (2020), *Ricardo Itaboraí Andrade de. Acontecimento e resistência em A Peste de Albert Camus*. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA, v. 20, n. 3, p. 39-52.

³ Wiesel, Elie (2006), *Night*, Trad. Marion Wiesel, New York, Hill and Wang, p. 23.